



CARTAS DE CAMPINAS

Odilon Nogueira de MATOS

Conforme referências em artigos anteriores, em 1865 passou por Campinas a expedição militar destinada a combater os paraguaios no sul de Mato Grosso. Por dois meses permaneceu em nossa cidade, acampada no velho Largo de Santa Cruz, precisamente no recanto hoje denominado “Praça Heróis de Laguna”, de cuja história também já me ocupei. Integrava a expedição um jovem oficial de engenharia que, mais tarde, com o título de Visconde de Taunay, se tornaria uma das figuras mais notáveis do Segundo Reinado, como escritor e político. Na época, era apenas o Segundo Tenente Alfredo d’Escragnole Taunay.

Taunay tinha vocação para a epistolografia. Escrevia muito. Não perdia mala postal. Basta dizer que, nos dois meses em que permaneceu em Campinas, escreveu 22 cartas ao pai e a uma irmã. E continuou escrevendo durante toda a longa jornada até o sul de Mato Grosso. São cartas singelas, certamente nunca destinadas à publicação, mas que revelam, na sua singeleza e até ingenuidade em alguns casos e banalidades em outros, traços do caráter do missivista. É preciso lembrar que Taunay era jovem de pouco mais de vinte anos, muito mais interessado, no caso de Campinas, nas festas, nos saraus, nos bailes que a todo instante a sociedade campineira prodigalizava aos oficiais da expedição, do que propriamente nas tarefas atinentes às suas funções de oficial de Engenharia.

Daí as referências freqüentes à vida social da pequena cidade que era então Campinas. “Temos sido tratados pelos campineiros com a mais viva cordialidade. Aliás, se diz que são muitíssimo mais dados que os demais paulistas, gente geralmente retraída e tristonha. Em Campinas

reina uma comunicatividade extraordinária (...) As moças e senhoras daqui são muito amáveis, conversam animadamente; já tivemos convites para diversos bailes e saraus”, escreve numa das primeiras cartas, como que antevendo que da permanência em Campinas lhes ficariam as mais agradáveis recordações.

Adiante, descrevendo um baile: “Demos um sarau à alta sociedade e se apresentaram muitas senhoras no rigor das toilettes, ombros descobertos bem decotados e com profusão de brilhantes. É a terra deles. Meninas tinham grandes broches de três, quatro e seis contos de réis. Dançou-se até as três da madrugada e houve sempre muita alegria”. Em outra: “A nossa permanência em Campinas tem sido a mais agradável, já que não sei a quantas festas, saraus, bailes e jantares temos assistido”. E por aí afora.

Nas cartas do jovem Taunay encontra-se de tudo: informações sobre a cidade, pessoas com quem se relacionou, construções, fazendas, produção agrícola, etc.

Merecem destaque as referências à matriz nova (a catedral de hoje) estão em construção. Taunay foi consultado sobre o projeto a ser executado para a conclusão das obras. Mais ainda: sugeriu a Sampaio Peixoto, presidente da comissão construtora, que fosse ao Rio de Janeiro a procura de pessoal habilitado para o remate da igreja, Sampaio conversou longamente com o pai de Taunay, professor da Escola de Belas Artes, que elaborou um projeto para a conclusão da igreja. Esta, entretanto, só se concluiria quase dez anos depois e nunca mais se falou nos projetos de Taunay. Que teria sido feito deles?

As cartas de Taunay permaneceram inéditas até 1944, quando foram publicadas pela Biblioteca Militar numa edição comemorativa do centenário do escritor, transcorrido no ano anterior. É com prazer que anuncio aos interessados na “memória campineira” que as cartas de Taunay, escritas de nossa cidade, foram republicadas em nossa “Notícia Bibliográfica e Histórica”.